

DA UTOPIA À PRÁTICA POLÍTICA: UM OLHAR SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO CULTURAL NAS EXPERIÊNCIAS COMUNITÁRIAS DE NOVA GOKULA (SP) E LOTHLORIEN (BA) NOS ANOS 1990.

Regiane Luzia Lopes
Universidade do Estado da Bahia
regiane.historia@gmail.com

De certo, que a palavra utopia e seus significados mais edificantes andam desapercibidos, embotados, empoeirados entre páginas de livros pouco lidos, alguns esquecidos ou, na pior das hipóteses, desmoralizados pelo discurso neoliberal que contagiou a maior parte da população ocidental desde a queda do muro de Berlim em 1991. A utopia, isto é, as utopias que alimentaram e incendiaram a cena política nos anos 1960, defendidas aguerridamente e experienciadas por muitos jovens, se viu sufocada pela aparente incontestabilidade da democracia; democracia em um mundo globalizado, no qual as distâncias, as diferenças culturais, as desigualdades econômicas e a participação política seriam superadas através da derrubada das fronteiras; uma irmandade homogênea, na qual os conflitos seriam mediados pelo Estado de Direito. Utopia? Às avessas?

O fato é que há muito, a projeção de uma sociedade ideal, equânime e transpassada por laços comunitários, tem permeado à literatura ocidental, alimentando o imaginário dos sonhadores mais despertos e dos revolucionários mais apaixonados; de Platão à Thomas More, de Thomas More aos Socialistas utópicos, dos trilhos dos *outsiders* a contracultura nos anos 1960, a idealização de uma sociedade outra, construída a partir de outras bases culturais e, por vezes, estruturais, tem se colocado na contramão do modelo econômico-político ocidental de civilização, com seus valores e moral.

Neste artigo nos propomos mergulhar nas experiências comunitárias, rurais da *Fazenda Nova Gokula*, situada no município de Pindamonhangaba (SP) e, de *Lothlorien – Centro de Cura e Crescimento*, Vale do Capão (BA) a partir das estratégias de construção, formação e difusão de práticas culturais.

Provavelmente, os jovens que pensaram e empreenderam a formação dessas comunidades não tinham o projeto político de transformar o mundo, mas sem dúvida,

como nos apontam as fontes, eram movidos pela força utópica de que a forma como pensavam e viviam, de que os ideais que os alimentavam podiam instigar outras pessoas a repensarem o jeito de ser e viver em sociedade, de criativamente desenvolverem redes de interação com outros grupos sociais e de contestar o modelo de sociedade capitalista, consumista e utilitária. Não através de discursos e de embate político-partidário, mas antes, da sua própria experiência como sujeitos sociais, vivendo em comunidade e buscando transpor para essa experiência, os princípios e ideais que os animavam.

Partindo de perspectivas e objetivos diferentes, os jovens que se engajaram nesses projetos de comunidades, trazem, não obstante, traços de um ideal comunitário presente em vertentes teórico-ideológica, ou simplesmente utópicas, ao longo do tempo. Nesse sentido, o retorno ao rural, à uma vida simples, mais próxima da natureza e em interação com seu ritmo e seus elementos, é um traço fundamental. A disposição em enfrentar o desafio de construir novas sociabilidades e, mediante as demandas do grupo, desenhar um campo decisório que contemple a escuta e participação dos integrantes, são outros elementos presentes nessas experiências.

Sobretudo, o que mais nos toca como experiências históricas, entretanto, é o esforço em romper, em se permitir viver conflitos e desenvolver estratégias de mediação e de superação, com o objetivo de tornar possível, concreto, um outro jeito de ser em sociedade, no qual a comunidade em torno de um propósito, respeita, mas supera, os interesses individualistas.

Aqui focaremos em uma das formas de produção de conhecimento desenvolvidos por essas comunidades: o processo que desencadeou a construção das escolas rurais *E.P.S.G. Bhaktivedanta Swami Gurukula*, na Fazenda Nova Gokula e, a *Escola Comunitária Brilho do Cristal no Vale do Capão* com participação direta de Lothlorien.

Compreendemos essa produção como estratégias de superação das dificuldades em manter uma comunidade rural, autônoma e que se pretendia autossuficiente, mas também, como mecanismo de construção de identidade (s) cultural (ais) e de fortalecimento do grupo em torno de um ideal comum.

“Vida Simples, Pensamento Elevado”: desenhando as comunidades idealizadas.

A Fazenda Nova Gokula foi a primeira comunidade rural da América Latina do Movimento Hare Krishna. Contemporâneo do efervescente movimento contracultural nos anos 1960, o Movimento chegou aos Estados Unidos através de seu fundador, o Sannyasi AC Bakitivedanta Prabhupada e tomou o Ocidente em diálogo direto da juventude de então.

A prática espiritual de Bhakti Yoga, ou Yoga da Devoção, atraiu muitos jovens, não somente por sua estética oriental, mas também pela apresentação de uma vasta literatura sagrada, signos e elementos culturais que impregnavam a devoção de seus adeptos. Aparentemente na contramão daquele momento de contestação na cultura ocidental, por seu comportamento disciplinado, austero e, em muitos aspectos, dogmáticos em seus princípios e práticas espirituais diárias (sadhana), essas características não foram obstáculos para a expansão do Movimento Hare Krishna; muitos jovens não apenas se encantaram com o som do maha mantra Hare Krishna aos sons dos címbalos, como também se engajaram ativamente na propagação e expansão do Movimento.

Nesse sentido, compreendemos que alguns elementos da cultura vaishnava, matriz filosófica da Bhakti Yoga, colaboraram diretamente para atrair seus adeptos porque convergiam com elementos presentes no caldo cultural da contracultura. Um desses elementos eram as comunidades rurais, fortemente defendidas pelo movimento hippie como alternativa.

Os nexos de conexão entre as comunidades rurais do movimento Hare Krishna e comunidades alternativas do Movimento Hippie podem ser identificados em suas metas e características: retorno ao rural, autossustentabilidade, preservação ambiental, reorganização social partindo de outras estruturas políticas e de relações de poder, bem como, a aglutinação em torno de um objetivo comum. Ademais, a alimentação vegetariana, tratamentos alternativos de cura e a yoga permeavam a construção de um viver alternativo.

Rememorando as razões e objetivos da fundação de Nova Gokula, Ivan Augusto Lisboa Ribeiro (SS Dhanvantari Swami), 74 anos, mestre espiritual do Movimento Hare no Brasil, observa que:

Era moda naquele momento ter comunidades rurais que eram chamadas de alternativas, comunidades hippies e tudo. Então, o mundo inteiro fazia isso; já

tinha comunidades importantes no mundo inteiro e ali, São Paulo cresceu, a congregação cresceu e, ter um templo, um templo urbano pra famílias, era inviável né?! ... Em São Paulo é caríssimo! Sempre foi. Supercaro, mesmo nos anos 70. Então com o amadurecimento dos nossos membros, da comunidade Hare Krishna, se viu a necessidade de ter uma área rural e, já havia também no movimento, outras iniciativas fora do Brasil, então nós seguimos os passos dos devotos mais experientes e compramos essa terra... Nova Gokula oferecia, oferecia a satisfação das necessidades humanas ali; tudo, tudo, próximo de tudo: desenvolvimento material, desenvolvimento cultural, desenvolvimento espiritual... (RIBEIRO, 2019, p.04).

Este excerto nos aponta alguns elementos, não somente as necessidades materiais que impulsionaram a fundação de Nova Gokula, mas nos traz indícios da proximidade com o movimento alternativo em geral. No livro “Vida simples e Pensamento Elevado” (1991), Srila Prabhupada condensa seu pensamento sobre a sociedade ocidental e a proposta de uma vida voltada para o desenvolvimento espiritual, que se concretizou na formação de comunidades rurais em várias partes do mundo, entre elas, a Fazenda Nova Gokula que teve seu início no Estado de São Paulo em 1978, alçando sua constituição legal como ISKCON Nova Gokula em 1989.

A criação de Nova Gokula exigiu de seus membros o desenvolvimento de estratégias políticas para sua manutenção financeira e, sobretudo, para solidez de sua base filosófica e cultural, nessa perspectiva, identificamos a criação e gestão da E.P.S.G. Bhaktivedanta Swami Gurukula como uma iniciativa que muito pode nos falar sobre o universo cultural e do viver em comunidade como uma atitude também política.

Enquanto em Pindamonhangaba, os devotos e colaboradores do Movimento Hare Krishna se empenharam em construir estruturas que permitissem a sua comunidade o desenvolvimento espiritual pleno e uma formação integral à suas crianças, atrelando conhecimento espiritual e conhecimento acadêmico na Fazenda Nova Gokula, um pequeno grupo de jovens casais na Chapada Diamantina, entreviam no Vale do Capão a possibilidade de trilhar o caminho comunitário.

Neste lugar cercado de belezas naturais, no qual, o Morro Branco, como um camaleão de pedra, toma cores diferentes ao longo do dia e, ao longe avistamos a Cachoeira do Batista como um fio de prata entre o rochedo, Lothlorien foi se desenhando pelas mãos de moradores e colaboradores em torno da medicina naturopata, da alimentação natural (ovo-lacto-vegetariana), de práticas alternativas de cura, de preocupações socioambientais e, ambicionando o exercício do Amor Incondicional.

Segundo Aureo Caribé, médico naturopata, 66 anos e um dos fundadores de *Lothlorien*,

naquela época, tinha muita gente falando desse negócio de amor incondicional, a ideia é que a gente pudesse amar as pessoas sem condições, amar uns aos outros, como o ágape de Platão... a ideia era que a gente tivesse, vivenciasse o ágape na vida da gente, tentamos, tentamos e, conseguimos algum sucesso nisso, embora, humm... a gente em geral quer mudar o mundo porque a gente tá precisando mudar a gente mesmo... eu acho, que foi a minha intenção de manifestar o amor incondicional na terra, porque é natural, se você quer manifestar uma coisa muito grande e maravilhosa como ágape, você passa por um chamado interno para modificar, não só sua conduta, mas seu pensamento, seus sentimentos, sua maneira de ver o mundo... É, você começa se questionar e tudo, entende?! E isso, nesse sentido, a comunidade foi um sucesso absoluto! Porque eu realmente me questionei muito! (CARIBÉ, 2017, p.03).

Poderíamos ficar por aqui analisando a amplitude das subjetividades que emergem dessa narrativa, mas o fato é que a ideia de amor incondicional como princípio que norteava os membros de *Lothlorien*, realizou a existência de uma comunidade que desde a primeira hora, oferecia atendimento médico gratuito aos moradores do Vale; acolhimento no Grupo de Gestante; fornecimento e trocas de ervas medicinais; florais de Bach praticamente gratuito; formação de agentes de saúde; a construção de uma Biblioteca Comunitária; a participação em diversas associações da sociedade civil organizada do Capão e a participação direta na construção da Escola Comunitária Brilho do Cristal.

Interessante notar como o deslocamento da perspectiva de transformação da realidade de uma atitude exterior para a interior se apresentou fortemente na narrativa de Dr. Aureo, trazendo mais um indício dos nexos possíveis com o universo contracultural e com esses elementos utópicos de comunidades que atravessam o tempo.

Nos anos 60 esse aspecto foi largamente discutido e propagado por intelectuais e artistas que, de alguma forma, deram visibilidade a abertura de percepção, ao inconsciente e o conhecimento de si como elemento propulsor de transformação social, contrapondo-se assim, aos esquemas da política partidária tradicional, mesmo de esquerda, engessada, hierarquizada e dogmática (ROSZAC,1972).

Não nos parece sem propósito a reflexão sobre o imaginário que condensa a proposta de comunidades rurais, em formatos alternativos de organização social como uma possibilidade de resistência, de contraponto ao modelo da sociedade de então e como estratégia política, não partidária, mas de enfrentamento cotidiano, silencioso, em ações

que se contrapunham à formas autoritárias de poder, a hegemonia religiosa judaico-cristã, a forma de produção capitalista e as relações sociais baseados no individualismo e na realização consumista.

Então, a seguir analisaremos o desenvolvimento das propostas educacionais que contaram com a participação direta dos membros das comunidades Nova Gokula e de Lothlorien procurando identificar e problematizar alguns aspectos presentes nesses projetos; sua importância como elemento cultural para as respectivas comunidades e, sobretudo, os significados produzidos por esses sujeitos que possam contribuir para reflexão histórica.

Gurukula e Brilho do Cristal: impressões sobre uma educação alternativa.

A vivência em comunidade abarcava todas as esferas da vida daqueles que participavam desses projetos comunitários e, a formação de laços afetivos, conjugais em muitos casos, não estavam fora dessa experiência. Crianças nasceram, cresceram e se formaram culturalmente imersas nas dinâmicas sociais que essas comunidades propunham, seja na forma de comer, de brincar, de tratar as contingências da saúde, se relacionar com o sagrado e com o meio ambiente, enfim, nas possíveis formas de ser como indivíduos e ser social.

A medida que as crianças cresciam ou chegavam às comunidades, novas demandas sociais surgiam, uma delas, sem dúvida, era a educação formal das crianças. Desta advinham questões subsequentes: há escolas públicas na zona rural onde vivemos? Queremos uma educação formal para nossos filhos? Se não, que tipo de formação desejamos proporcionar a eles? Temos condições intelectuais e econômicas para isto?

A gente também tinha a coisa dos meninos que não tinha escola, não tinha nada sabe?! ... então a gente juntou os livros de qualquer forma, então tinha alguma atividade com criança... Eles estudaram aqui ... aquela escola, ex-escola estava assim bem abandonada pelos poderes públicos, totalmente abandonada, então chovia dentro, então tinha uma senhora que ensinava o que ela podia ensinar né?! Tentava alfabetizar... então quando a gente chegou, a gente resolveu dividir com ela. Eram duas salas, ela usava só uma, a gente conseguiu ajuda pra arrumar o telhado, pra não chover mais dentro, porque quando chovia não tinha aula e dividimos com ela; ela ficava com uma turma, enquanto a gente ficava com outra...Eu, Cecília, mesmo os meninos, as vezes Miklos, Aureo faziam alguma atividade...mais tarde... Aí a gente viu que precisava de mais e

também o outro casal que acabou vindo, que era amigo de Áureo que tinha um filho que era um pouco mais velho que os nossos, também estava precisando de escola, então a gente começou a ver que a gente ia precisar de um professor mesmo... (CHRISTOPHE, 2017, pp.6-7).

Esta narrativa de Sonia Christophe, 71 anos, uma das fundadoras de Lothlorien nos aponta que os desafios da educação no Vale do Capão nos anos 1980, não diferia muito da realidade da zona rural em geral no Brasil, na qual, a ausência do Estado era facilmente detectada, entretanto, os moradores de Lothlorien não apenas viam a necessidade de oferecer aos seus filhos os recursos da “educação formal” como diante desta demanda que atingia não somente eles, mas as crianças do Vale como todo, lançaram mão de estratégias de enfrentamento desta.

aí a gente colocou um anúncio, acho que em alguma revista assim pedindo pessoas que se interessassem em vir para um lugar assim, assim, assim e, que não ia ter muita grana ... aí algumas pessoas responderam e Luiz Leoni, que é um cara que está até hoje aqui também, que depois fundou uma outra comunidade...ele escreveu, a gente respondeu, deu tudo certo, ele veio com a mulher dele... Aí ele assumiu a turma com português e matemática; então enquanto ele pra turma menor, ele dava português e matemática, a gente dava história, geografia e depois no outro período trocava, a gente ia dar isso e ele ia dar essa parte e, ficou um tempo assim com ele ajudando muito... (CHRISTOPHE, 2017,p. 07).

Segundo Rilmar Lopes, até início dos anos 1990 não havia luz elétrica no Vale do Capão e, até os anos 2000 não havia médico permanente no posto de saúde, nem instalações adequadas para o atendimento neste. Assim como a saúde, a educação sentia o abandono de políticas públicas e, conseqüentemente da ausência do Estado (2011, pp. 65-66).

A Escola à que se refere Sonia Christophe é a Escola Municipal Rufino Rocha que “tinha duas salas de aula, uma varanda e nenhum banheiro... Havia apenas uma turma multisseriada, da alfabetização à 4ª série, com crianças de faixa etária entre 7 e 15 anos” (SILVA, 2011).

Foi justamente nesse “prédio velho” da Escola Municipal Rufino Rocha que, nos meados da década de 1980, começou o movimento de se fazer uma escola diferente, quando um grupo de pais e mães se juntou e pediu autorização à prefeitura para usar o prédio no turno da tarde com a intenção de oferecer as crianças uma escola diferente... A escola à tarde era chamada de “Escola Integrada”, o que era apenas um nome fantasia, pois oficialmente todas as crianças eram alunas da Escola Municipal Rufino Rocha que funcionava pela manhã nas condições descritas anteriormente (SILVA, 2011, p.66).

Neste ponto, a narrativa de Sonia se encontra com a pesquisa de doutorado de Silva nos dando elementos do processo que desencadeou a construção da Escola Comunitária Brilho do Cristal. Este processo surgiu de uma demanda social pujante, a educação das crianças da comunidade, mas não ficou isolada à esta, antes instigou um olhar crítico acerca da realidade social na qual estavam inseridos, uma mola propulsora que os levou à uma atitude político-social concreta: estabelecer articulação com outros sujeitos sociais e desenvolver estratégias para a criação de uma escola de qualidade que atendesse não apenas seus filhos, mas os filhos do Vale.

A Escola Integrada era um projeto de um grupo de pais vindos de outros lugares para morar no Vale do Capão, alguns com formação acadêmica. Os mesmos se juntaram para fazer uma escola humanista, integrada e convidaram a se juntar ao projeto um pequeno grupo de pais nativos insatisfeitos com a Escola Municipal. (SILVA, 2005, pp. 45-46)

Muitos agregaram neste processo, visto que nos anos 1990 o Vale do Capão aos poucos ia galgando seu espaço como destino turístico na Chapada Diamantina e, que muitos dos visitantes acabaram tornando-se moradores do Vale, eles e seus filhos. Lothlorien – Centro de Cura e Crescimento doou parte do terreno da comunidade para construção da escola e em um movimento fortemente articulado com a sociedade civil organizada, a Brilho do Cristal foi se concretizando com o trabalho coletivo, em formato de mutirão envolvendo pais, professores, alunos, colaboradores e começou a funcionar em seu próprio espaço, ainda que precariamente em 1992.

A essa altura, a Brilho já tinha se tornado um projeto de muitos, os membros de Lothlorien permaneceram como colaboradores ativos e entusiastas do projeto, mas sua gestão pedagógica e administrativa era autônoma, outros atores sociais assumiram essa incumbência e os filhos de Lothlorien, assim como as crianças do Vale no geral, já tinham uma escola, que se fazia cotidianamente com base na Pedagogia Libertadora (SILVA, 2005, p.51).

A escola forjou na prática sua identidade, os próprios mutirões eram atividades pedagógicas, o teatro se tornou uma das bases do projeto pedagógico, a existência legal da Escola exigiu estratégias e embates políticos, não somente para seu reconhecimento como escola comunitária rural, como também para sua manutenção, visto que nos primeiros anos, o corpo de docentes e gestores era praticamente formado por voluntários.

Relevante notar que, a participação de Lothlorien na construção da Brilho é o aspecto que neste artigo pretendemos enfatizar, mas não foi a única iniciativa da comunidade na formação cultural de seus membros; além de todas as atividades em grupo que ocorriam cotidianamente na comunidade e de uma biblioteca interna, eles ainda publicaram a *Revista Vivências* e uma publicação interna para moradores, visitantes e colaboradores, a *Compartir*, visibilizando o objetivo, não de isoladamente viverem uma experiência comunitária e alternativa, mas de aprender e compartilhar o conhecimento e os significados dessa experiência.

Do ponto de vista estrutural da educação no Brasil, a necessidade de uma escola rural para os filhos dos devotos na Fazenda Nova Gokula, não era diferente das enfrentadas pelos membros de Lothlorien, entretanto, aqui, a demanda nascida do cotidiano em comunidade ia de encontro com a realização de um dos elementos almejados por Srila Prabhupada para as comunidades rurais do Movimento Hare Krishna: a criação dos Gurukulas.

Segundo Dhanvantari Swami:

A explicação sucinta é que Gurukula significa Casa do Guru. No sistema tradicional Varnashrama que é a organização social que os Vedas propõem para a sociedade humana, o indivíduo deve ser treinado espiritualmente desde a idade mais tenra... Isso seria 5 anos de idade. Então, aos 5 anos o garoto ou a garota vão para um asharam do guru e ali residem em forma, como internato, residem até 20, 25 anos e, tem toda a educação necessária, esse é o sistema original. Nós adotamos aqui o mesmo sistema de internato aos 5 anos, então meninos e meninas chegavam e tinham seus alojamentos separados e professores capacitados para acompanhá-los no dia a dia, 24h por dia, então, eles dormiam e acordavam, participavam de todos os programas espirituais e, depois eles iam para escola pra parte acadêmica mesmo, era uma escola reconhecida pelo MEC e na parte da tarde eles faziam as tarefas escolares e então, eles faziam as atividades extras que eram o estudo das escrituras, da arte vaishnava, cantar, tocar instrumentos, poesia, teatro, tudo isso eles aprendiam na parte da tarde todos os dias...(RIBEIRO, 2019, p.01).

O Gurukula, enquanto projeto, nos aponta elementos relevantes para compreendermos os significados dessa experiência comunitária; primeiro que deixa indícios de que apesar das particularidades e contingências enfrentadas por seus fundadores e membros, havia estruturado, ainda que de maneira preliminar, um projeto de comunidade rural vaishnava, no qual, alguns pontos nos parecem cruciais: a presença do templo, como centro de adoração e práticas espirituais através dos rituais e estudo das escrituras sagradas diários; a proteção às vacas; a produção de alimentos e atividades que

dessem base de autossustentabilidade à comunidade, e o Gurukula que possibilitasse a formação integral dos filhos dos devotos e demais interessados, agregando os conteúdos acadêmicos e a espiritualidade.

Prabhupada enfatizou o que seria a “educação ideal” ao escrever o significado do Nono Verso do Sri Isopanisad:

... A civilização moderna tem avançado consideravelmente no campo da educação de massa, mas o resultado é que as pessoas estão mais infelizes que nunca, porque estão dando ênfase ao avanço material e omitindo a parte mais importante da vida – o aspecto espiritual... o avanço educacional em um povo ateu é comparado aos adornos em um corpo morto... Deste modo, o objetivo da real educação deve ser a auto-realização, realização dos valores espirituais na alma. Qualquer educação que não leve a tal realização deve ser considerada avidya, ou ignorância. (PRABHUPADA, 1984, pp.45-47).

O sistema chamado varnashrama-dharma é um modelo social ideal descrito pela literatura sagrada indiana como os Vedas e Puranas, segundo o qual, a sociedade materialmente condicionada, ou seja, identificada demasiadamente com o corpo e com a satisfação deste, seja através da aquisição de conforto material, prazeres sensoriais, poder e tudo que se relaciona e exige esforço excessivo para se obter enquanto status quo, deveria seguir para o equilíbrio social e espiritual da sociedade.

Este tema que filosoficamente exige uma discussão mais aprofundada, impossível de ser desdobrado neste formato e com o objetivo a que se propõe este artigo, merece nossa atenção devido a importância que assumiu na experiência dos Gurukulas em geral e também, em Nova Gokula.

Esse sistema fornece a base para as categorias, que compõe o corpo social, Varnas: *Brâmanes* (pensadores e professores); *Kshatriyas* (governadores e protetores); *Vaishyas* (produtores e comerciantes) e os *Shudras* (os trabalhadores e assistentes em geral). Esse sistema, que guardando especificidades de conjuntura histórica, territorialidades e de temporariedades, esteve presente em outras sociedades, no formato de ordens e estamentos e, na Índia sofreu uma deturpação em sua base filosófica e sagrada se convertendo no sistema de castas.

Em todos estes casos, essas categorias foram produzidas e mantidas para o exercício do poder de poucos, se configurando em cristalização e naturalização das desigualdades sociais e do cerceamento dos direitos. Entretanto, o que as escrituras e seus comentadores apresentam é que esse sistema tem intrinsecamente um sentido de

complementaridade e, não de hierarquização. Não obstante, não prescinde da hereditariedade para sua existência, e sim da percepção e reconhecimento de que cada indivíduo pode estar condicionado a influência das três forças da natureza material, *gunas*: *sattva-guna* (influência da bondade e pureza); *rajo-guna* (influência da paixão) e *tamo-guna* (influência da ignorância). Essas influências que podem cambiar e se sobrepor ao longo da vida (DASA, 2013), segundo o Dr. William H. Deadwyler revela a:

maneira que cada pessoa é naturalmente disposta em direção a uma categoria em particular em virtude de seu *guna* (as influências da natureza) e do *karma* (atividades especializadas e meios de sobrevivências). O sistema no qual o *guna* e o *Karma* assim determinam o *varna* é chamado *daiva varnasharama-dharma*, o sistema divinamente estabelecido (DASA, 2013, pp.288-289).

Esse desvio explicativo se deve ao fato de que a meta dos devotos em sua prática espiritual é alcançar o modo da bondade (*sattva-guna*), no qual, a experiência espiritual pode desenvolver uma plenitude real e, nos Gurukulas esse aspecto é perceptível na própria rotina de atividades descritas anteriormente por Dhanvantari Swami, o que demonstra até certo ponto, a preocupação com uma formação bramínica dos gurukulis.

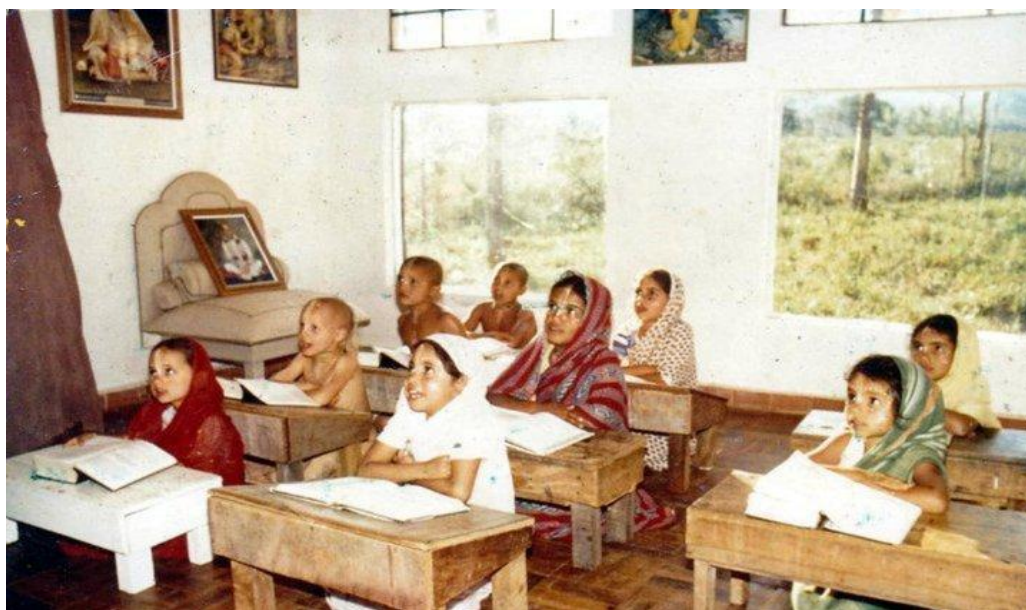
Emanuel Bilardinelle (Parama Karuna), 32 anos, aluno do Gurukula dos 4 aos 10 anos de idade, nos revela esses interlúdios ao narrar seu cotidiano.

... a gente ia dormir 5 e meia, mais ou menos, ainda estava o sol rachando e ... difícil essas partes, eram complicadas pra gente né?! Porque criança nesta idade, ela quer huuu, mas ... ai a gente acordava as três, três horas pra todo mundo conseguir tomar banho, essas coisas e, era bem rápido porque era muito fria a aguinha... mesmo no inverno, mas nessa época assim, o que eu lembro assim, era que era divertido sabe?! Eu me divertia! Era tipo uma brincadeira pra mim, talvez eu não faria a mesma coisa com meu filho agora né, mas naquele tempo era algo normal... então a gente acordava, ficava todo o programa, tipo, a gente cantava as 16 voltas também, de japa, Hare Krishna, Hare Krishna né?! 16 voltas igual os adultos também, a gente assistia aula igual aos adultos e terminava o Govinda, fazíamos o Guru Puja depois do Govinda e depois subíamos umas oito e meia, eu acho. Tomava desjejum e as nove começava as aulas, são as aulas acadêmicas mesmo; tinha matemática, português, tinha inglês, tinha biologia, todas as matérias e a tarde, quando acabava, eu não me lembro muito bem agora, eu não sei se era uma e meia ou, eu não não lembro, a gente almoçava e a tarde a gente tinha a parte de, espiritual né?! Na parte cristã seria catequese... e a nosso era tipo, estudava os mantras do Bhagavagita, Brahma – Samhita, outro purana a mais, o Purusha Sutra e os livros da filosofia Hare Krishna e bom, isso era assim... (BILARDINELLE, 2019, p.01).

Novamente aqui aparece o cotidiano espiritual que eram compartilhados por alunos (as) do Gurukula. Às 04:15h começa o dia na comunidade, e às 04:30h no templo inicia-se o Mangala Aratik, seguido da leitura de uma das principais escrituras

vaishnavas, o Srimad-Bhagavatam, depois os devotos iniciam a meditação individual da japa-mala, um rosário de 108 contas, com o qual se recita o Maha mantra Hare Krishna num total de 16 voltas, às 07:30h realiza-se um outro ritual, chamado de Govinda, seguido do Guru Puja, um ritual em respeito e adoração ao fundador do Movimento, Srila Prabhupada.

Esse cotidiano austero ao primeiro olhar é amenizado pelo caráter infantil e de aventura nas reminiscências Emanuel Bilardinelle, mas vai de encontro com a preocupação de desenvolver qualidades bramínicas nos alunos através de uma formação integral norteadas pelos pressupostos religiosos da filosofia vaishnava.



Acervo Lucio Valera – Album Nova Gokula 1 – Memória Histórica da ISKCON (1978 -1985).
In: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1865763557435&set=a.1198602758832&type=3&theate>

O problema que se coloca é: teriam todas essas crianças e adolescentes vocação bramínica? Não se repetiria, guardando suas especificidades, os equívocos de transpor um arquétipo ideal para uma realidade imperfeita, incidindo em incongruências sociais e mesmo inconsistência na formação da individualidade desses alunos?

Compreendemos que como qualquer experiência inicial a propensão ao erro é uma realidade, em entrevista, Ivan Ribeiro (Dhanvantari Swami) sobre a experiência em Nova Gokula observa que:

Nós erramos muito. Erramos muito e as vezes até desperdiçamos recursos financeiros pelos erros, mas nós tínhamos inspirações, tínhamos instruções específicas de Prabhupada e, as instruções de Prabhupada sobre comunidades rurais eram fundamentadas na cultura védica da Índia, não era simplesmente uma comunidade alternativa, mas uma comunidade fiel aos princípios espiritualistas (RIBEIRO, 2019, p.05).

Em artigo de Ameyatma Prabhu, apresentado por Rama Putra Dasa (2013), Prabhu avalia que se tivessem criado as escolas baseados no varnashrama como pretendia Srila Prabhupada:

Muitos dos novos membros não teriam sido treinados como brâhmanas... aos invés disso, aqueles que, na época, Srila Prabhupada havia treinado diretamente para se tornarem brâhmanas estariam atuando comprometidos como professores nas escolas; iriam treinar novos membros e, em cooperação com eles, iriam enviá-los para o departamento apropriado para serem treinados de acordo com seu varna apropriado... Mesmo que uma maioria fosse treinada em artes artesanais de trabalho de shudras, cada qual dos novos membros seria ou se tornaria um devoto vaishnava de Deus, mesmo que eles adorassem Deus como Jeová ou Alá, seriam mais que bem vindos a estudar nas nossas escolas e seriam treinados por brâhmanas vaishnavas (DASA, 2013, pp.279-281).

Mediante esta análise das fontes, podemos mensurar que os descompassos entre a teoria e a prática, imprimiram sentidos de excessos e mesmo de imaturidade profissional para abarcar um projeto pedagógico diferenciado e dispendioso, considerando inclusive, o formato de internato a que se propôs, entretanto, não impediu a relevância social do projeto para a comunidade nem uma avaliação positiva de estudantes, seja no seu resultado acadêmico ou espiritual.

Na narrativa de Emanuel Bilardinelle (Parama Karuna) a experiência no Gurukula parece-nos ter colaborado para a escolha dos caminhos por ele trilhado...

Quando eu fui pra Argentina eu estava muito adiantado, a escola aqui era muito boa, tanto que quando eu sai daqui... eu tava muito adiantado já, que outras crianças, tanto que eles pensaram em me mandar para... outra série mais avançada né... Do ponto de vista espiritual me afirmou né, tanto que eu tive minha fase rebelde também, dos 14 até os 20 anos eu não seguia muito os princípios não da nossa religião, da filosofia Hare Krishna. Eu bebia, drogas eu nunca... eu nunca entrei em drogas pesadas como sintéticos, cocaína, essas coisas... mas depois dessa... eu sempre tinha na cabeça a base que eu tive aqui, espiritual. Então, fazendo essas coisas, assim tipo, eu não me sentia satisfeito comigo mesmo, por causa da base espiritual que eu tinha; eu queria outra coisa pra mim! Eu estava buscando uma coisa diferente! Uma felicidade diferente!

... Eu tinha meu mestre desde criança né... o nome dele é Bhaktibusana Swuami... Então eu sempre tive referência, mesmo que eu estava mal, ele tipo, ele sempre me chamava, a gente comia junto, conversávamos, normal... chegou um momento que eu falei: - eu não quero mais essa vida pra mim, o que o senhor me recomenda? Ai ele falou: - Se você quiser, vai morar lá no Chile como monge! E ai eu fui... (BILARDINELLE, 2019, p.6)

É possível perceber nas entrelinhas da narrativa que a formação, tanto em seu aspecto formal como cultural, tem a capacidade de produzir significados que se traduzem, muitas vezes, na identidade cultural de determinados grupos sociais através de seus referenciais, signos e representações. Neste caso, a experiência no Gurukula enquanto aluno e na vivência comunitária em uma comunidade rural com base religiosa, colaborou para visão de mundo e de ser em sociedade de Bilardinelle, incidindo em sua decisão de retomar a prática espiritual e a voltar a viver em Nova Gokula com sua jovem família.

As fontes indicam que diversas dificuldades emergiram no processo de implantação e manutenção da E.P.S.G. Bhaktivedanta Swami Gurukula, desde de embates políticos com as autoridades locais para o reconhecimento legal da escola, até o desafio de levantar recursos financeiros para a construção e funcionamento da mesma.

Assim como em Lothlorien, os protagonistas dessa experiência comunitária tiveram que lançar mão de estratégias de embates, se articulando, buscando apoio de profissionais especializados, como advogados, e mesmo, de uma retórica de afirmação de legitimidade de direitos sociais.

Apoiando-se nas instruções de seu mestre espiritual e mentor intelectual, mas também fortalecidos pela prática espiritual que lhes davam base, a escola se concretizou substancialmente pelo esforço coletivo de sacerdotes, pais, professores, gestores, colaboradores; parte significativa dos recursos levantados vinham da venda de livros dos devotos pelas ruas das cidades, uma prática chamada de Sankirtana; muito trabalho voluntário foi despendido para que o Gurukula funcionasse de 1989 a 1999, chegando à atender 90 alunos, entre devotos e não devotos, da educação infantil até o ensino médio.

Compreendemos que a realização de um projeto comunitário como os de Nova Gokula e Lothlorien, se deve a construção subliminar de laços de solidariedade, de identidade cultural e política, evidenciando diferenças e suscitando conflitos, nos quais a

alteridade permeia os significados de uma experiência comunitária. Segundo Julio Furtado:

Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro. Essa é a mais breve e frequente definição de alteridade encontrada em dicionários. O termo alteridade possui o significado de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação e dialogar com esse outro. A alteridade nas relações é pré requisito para o exercício da cidadania e para se estabelecer uma relação pacífica e construtiva com os diferentes, na medida em que se identifique, entenda e aprenda a aprender com o contrário. Dessa forma, apenas existimos a partir do outro, da visão do outro, o que nos permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de nós mesmos, sensibilizados que somos pela experiência do contato (FURTADO, 2012, p.01).

Assim, a necessidade em buscar modelos alternativos de educação para seus filhos e a quem mais interessasse, exigiu a elaboração de um projeto de escola, um projeto pedagógico que abarcasse os pontos que pareciam essenciais a serem contemplados pelos seus empreendedores. Ser alternativo nesse sentido era propor um processo de construção do conhecimento que considere sobretudo a integralidade do ser: físico, mental e espiritual e, a integralidade deste em relação equânime com a natureza e a realidade social na qual está inserida. Nesse sentido, o que em uma escola padrão é complementar como arte, meio-ambiente, alimentação saudável, cultura, espiritualidade, virtudes, nessas experiências são intrínsecas ao fazer e viver pedagógico.

Ainda que preliminarmente, podemos inferir a relevância dos processos de construção e efetivação das escolas Brilho do Cristal , no Vale do Capão e da E.P.S.G. Bhaktivedanta Swami Gurukula, em Nova Gokula, como parte significativa da própria identidade cultural das comunidades pesquisadas; para nós, esse processo, bem como todas os embates advindos dele, deve ter colaborado para reafirmar valores, princípios e posturas político-cultural dos envolvidos, bem como, fortalecido o projeto comunitário. A utopia transmutando-se em a prática sociocultural e política, por que não? E o poeta nos lembrando que “Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade” (SEIXAS, 1974).

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Leon Adan Gutierrez. *Hare Krishna – das origens do movimento à chegada e expansão no Brasil*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2018.

DASA, Rama Putra. *As Três Forças do Universo – As Classes Sociais Védicas e as Influências da Natureza Material*. São Paulo: Sankirtana books, 2013.

FRAGA, Paulo Denizar. *Utopia: roteiro de um conceito*. In: Revista Espaço Acadêmico, n.186 – Novembro/2016.

FURTADO, Júlio. *Docência e Alteridade*. In: Anais COEB; Florianópolis, 2012.

PRABHUPADA, A. C Bhaktivedanta Swami. *Sri Isopanisad*. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1984.

_____. *Vida Simples, Pensamento Elevado*. Pindamonhangaba: Bhaktivedanta Book Trust, 2006.

GOSWAMI, Jagadisa Dasa. *Srila Prabhupada e o Guru-Kula*. Pindamonhangaba: Bhaktivedanta Book Trust, 1996.

SILVA, Rilmar Lopes da. *O Teatro-Educação Enquanto Elemento Curricular No Meio Rural*. Dissertação de Mestrado: UFBA, 2005.

_____. *Formação Continuada na Perspectiva Emancipatória Mediada Pela Arte-Educação: o caso da Escola Comunitária Brilho do Cristal*. Tese de Doutorado: UFBA, 2011.